

O gasto de divisas

CARLOS TAVARES DE OLIVEIRA

No dia em que o Presidente Sarney, dramaticamente, comunicava à Nação a suspensão do pagamento dos juros da dívida externa, tradicional casa de comestíveis do Rio lançava o Festival da Cerveja Internacional. Entre pilhas de caixas da bebida eram anunciados estoques consideráveis das principais marcas mundiais, como as famosas Heineken (Holanda), Amstel (Alemanha) Kronebourg (França) e Tuborg (Dinamarca).

As preciosas divisas brasileiras foram gastas até com medíocres cervejas infinitamente inferiores a qualquer similar nacional. Aliás, não só nessa loja como em outras, e até nos supermercados do Rio e São Paulo, pode-se observar nos repletos mostruários de importados, além de bebidas, enorme variedade de conservas, queijos, patês, caviar, salmão, bombons, marrom-glacês, entre outros deliciosos petiscos da gastronomia internacional. Não parecem, realmente, vitrines de País enforcado, sem dinheiro sequer para pagar os juros de sua dívida. E não são propriamente "bens necessários ao abastecimento".

Conforme noticiado pela imprensa, não parou aí o esbanjamento de divisas, no fim do ano passado, com a aquisição de produtos de discutível essencialidade e outros absolutamente supérfluos. Outros, sim, várias importações de gêneros essenciais — como carne, arroz e leite em pó, entre outras — foram superdimensionadas e algumas até feitas irregularmente, com alto dispêndio dos escassos dólares oficiais no exterior.

De terceiro maior exportador de carne, em 1985, logo no ano seguinte tornou-se o Brasil o segundo

principal importador, atrás apenas dos Estados Unidos, estimando-se em US\$ 600 milhões as compras do produto. Da Tailândia, Paquistão, China e Estados Unidos recebeu-se verdadeira montanha de arroz, cerca de 2,1 milhões de toneladas. Esta excessiva importação ocupou os já insuficientes armazéns existentes, impedindo a entrada do arroz brasileiro da nova safra, calculada, em 11,4 milhões de toneladas.

Divulgou-se que, ao todo, foram gastos US\$ 1,2 milhão na aquisição extraordinária de gêneros estrangeiros, fora o total consumido nas compras habituais (trigo, bacalhau, azeite, etc), o que tornou o Brasil um dos maiores importadores mundiais de alimentos. Vagamente, foi noticiado que o Governo iria apurar responsabilidades nas importações de leite em pó contaminado e carne deteriorada da Europa; de arroz estragado da Tailândia; de feijão e milho podres de países da América Latina. Precisaria, também, investigar a deterioração, já em frigoríficos nacionais, de enorme quantidade de pescado argentino, inglês, norueguês e russo. Nessa orgia de importações de peixes, até da pequena ilha de Cuba veio considerável partida do produto, talvez capturado na imensa e piscosa costa brasileira.

Em tempos normais, ninguém pode ser contra a importação de animais para melhoria do plantel nacional. Mas, nessa angustiante penúria de divisas, pode parecer abusiva a chegada ao País de jatos **charters**, lotados de vacas holandesas e americanas, além da importação de cavalos de puro sangue.

Na área dos Serviços, onde são remotos os controles das remessas

de dólares, o descabro pode ter sido maior, pois foi nesse setor que se dilapidaram os US\$ 5 bilhões das reservas cambiais. Recentemente, divulgou-se que, até livros, foram mandados imprimir nos Estados Unidos, ao custo de US\$ 1 milhão. Em 1985, fora os juros da dívida (US\$ 11,4 bilhões), os demais Serviços Internacionais consumiram a bagatela de US\$ 5 bilhões. Naquele ano, como Outras Despesas não especificadas, contabilizou-se cerca de US\$ 1,5 bilhão. Em 1986, a quanto terá montado os Serviços (fora os juros) e os enigmáticos itens não-especificados?

Foi excelente a idéia do Presidente Sarney de suspender as audiências por 20 dias para dedicar-se inteiramente aos problemas econômicos. Nesse período, terá tempo para se assenhorar melhor das questões de comércio exterior e dos serviços internacionais, de direto envolvimento com o pagamento da dívida externa. Sobre tudo, poderia determinar, de fato, a conveniente apuração das irregularidades denunciadas nas importações e remessas de dólares para o exterior. Seria, também, oportuno saber se, realmente, o congelamento da taxa cambial propiciou o propalado subfaturamento de exportações, redundando no desvio de US\$ 2,5 bilhões das receitas oficiais.

O necessário esclarecimento desses fatos não é, evidentemente, para dar satisfação aos credores externos, mas sim ao público interno — o sofrido povo brasileiro — que, nas horas do aperto, como agora, é convocado para pagar a fatura do desperdício.

CARLOS TAVARES DE OLIVEIRA é Consultor de Comércio Exterior da Confederação Nacional do Comércio